



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LUIZ FELIPE DE SANTANA

**O XANGÔ PERNAMBUCANO NO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO: a  
narrativa reproduzida no núcleo afro-brasileiro da Exposição *Pernambuco  
Território e Patrimônio de um Povo.***

RECIFE

2024

LUIZ FELIPE DE SANTANA

**O XANGÔ PERNAMBUCANO NO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO: a narrativa reproduzida no núcleo afro-brasileiro da Exposição *Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo*.**

Monografia (formato artigo científico) apresentada ao Curso de licenciatura em História, do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito à obtenção de título de licenciado(a) em História, orientado(a) pelo Prof. Dr. Lucas Victor Silva.

RECIFE

2024

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

LUIZ FELIPE DE SANTANA

**O XANGÔ PERNAMBUCANO NO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO: a narrativa reproduzida no núcleo afro-brasileiro da Exposição *Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo*.**

Data da Defesa: 04/03/2024

Horário: 14 horas

Local: Sala \_\_\_\_\_ - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lucas Victor Silva (UFRPE)

\_\_\_\_\_  
Prof. Orientador(a)

Prof. Dr. Bruno Melo de Araújo (UFPE/PGH-UFRPE)

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Examinador(a) Interno(a)

Profa. Dra. Adriana Maria Paulo da Silva (UFPE)

\_\_\_\_\_  
Prof. Examinador(a) Externo(a)

Resultado: ( ) Aprovado/a

( ) Reprovado/a

**O XANGÔ PERNAMBUCANO NO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO:  
a narrativa reproduzida no núcleo afro-brasileiro da Exposição *Pernambuco  
Território e Patrimônio de um Povo*.**

Luiz Felipe de Santana<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo busca fazer uma análise do núcleo *Xangô Pernambucano* que compõe a exposição permanente *Pernambuco: Território e Patrimônio do Povo* do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE). Abordaremos inicialmente a constituição do acervo que compõe a coleção e, em seguida, a maneira como estes objetos são apresentados pela exposição. Na oportunidade, debateremos a função dos museus históricos e a legitimidade que as narrativas reproduzidas nesses espaços possuem na sociedade. Nossas fontes de pesquisa são: o texto curatorial da exposição e a expografia do núcleo expositivo, analisadas sob a perspectiva da História. Nossa fundamentação teórica recorreu a autores como Francisco Regis L. Ramos e Myrian Sepúlveda dos Santos. Enquanto resultados da investigação afirmamos a compreensão da narrativa do núcleo expositivo *Xangô Pernambucano* como reprodução da interpretação de Gilberto Freyre acerca da formação da identidade brasileira.

**Palavras-chave:** Memória, História, Museus-Históricos, Museu do Estado de Pernambuco, Xangô Pernambucano.

**Abstract**

This article seeks to analyze the Xangô Pernambucano nucleus that makes up the permanent exhibition *Pernambuco: Territory and Heritage of the People* at the Pernambuco State Museum (MEPE). We will initially discuss the constitution of the collection that makes up the collection and then the way in which these objects are presented in the exhibition. On this occasion, we will debate the function of historical museums and the legitimacy that the narratives reproduced in these spaces have in society. Our research sources are: the curatorial text of the exhibition and the expography of the exhibition core, analyzed from the perspective of History. Our theoretical foundation drew on authors such as Francisco Regis L. Ramos and Myrian Sepúlveda dos Santos. As results of the investigation, we affirm the understanding of the narrative of the Xangô Pernambucano exhibition center as a reproduction of Gilberto Freyre's interpretation of the formation of Brazilian identity.

**Keywords:** Memory, History, Historical Museums, Pernambuco State Museum, Xangô Pernambucano.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Licenciatura em História pela UFRPE. E-mail: Ifelipehcsantana@gmail.com

## 1. Introdução

O Museu do Estado de Pernambuco (MEPE) foi criado pela Lei nº 1.918 de 24 de Agosto de 1928, assinada durante o governo de Estácio Coimbra. Inaugurado em 7 de Setembro de 1930, teve sua primeira sede na cúpula do Palácio de Justiça e posteriormente transferido para a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (MELLO, 2003). Em 1940 o museu foi transferido para a sua atual sede, que fica na Av. Rui Barbosa, no antigo *Solar* de Francisco Antônio de Oliveira, o *Barão de Beberibe*. Neste *Solar*, que pertenceu a um dos maiores traficantes de escravizados de Pernambuco da primeira metade do século XIX (GOMES, 2016), temos desde 2014 a exposição de longa duração *O Casarão e a Cidade: usos e costumes*. O museu também conta com um prédio anexo inaugurado em 2003, onde fica o setor administrativo, a reserva técnica, além de possuir dois espaços para exposições: um espaço no primeiro andar para exposições temporárias, e um espaço no térreo que desde 2017 abriga a exposição de longa duração *Pernambuco: Território e Patrimônio de um Povo*.

O MEPE é um dos principais museus históricos de Pernambuco e, desde sua idealização, foi pensado para apresentar a versão oficial do Estado sobre a formação da história e da identidade de Pernambuco. Em meio ao contexto do debate sobre a identidade regional, Gilberto Freyre, que em 1924 era assessor do governo de Estácio Coimbra, escreveu nesse período uma matéria para o *Diário de Pernambuco* falando sobre a necessidade da criação de um museu que apresentasse a versão oficial dessa formação histórica e que “reunisse valores da cultura regional” (CHAGAS, 2005). Ou seja, é uma instituição que desde seus primórdios foi idealizada como um espaço para guardar e reproduzir a narrativa oficial do Estado sobre sua história. O acervo do museu é formado pelas seguintes coleções: *Coleção Baltar* (1929), composta por 16 telas do pintor Telles Júnior, gravuras, álbuns fotográficos, cerâmicas indígenas e armas; *Coleção do Liceu de Artes e Ofícios* (1930) com 127 peças, entre mobiliários, palanquins, porcelana chinesa e japonesa, pratos, travessas e retratos; *Coleção Brás Ribeiro* (1950) que tem 1.800 objetos, entre porcelanas e mobiliário do período colonial e do Império; *Coleção Paulo Figueiredo* (1952) que possui 28 peças de maioria pré-incaicas; *Coleção Carlos Estevão de Oliveira* (1947), com 3.320 peças de diversas etnias das

populações originárias; *Coleção Lívio Xavier* (1984) com 250 objetos conhecidos como ex-votos; *Coleção Xangô Pernambucano* (1938-1940) com 307 objetos oriundo das repressões aos terreiros de Pernambuco durante o Estado Novo (MELLO, 2003).

A *Coleção Xangô Pernambucano*, que compõe o acervo do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), chegou até o MEPE a partir de doações da Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco. Parte dos objetos desta coleção está exposta no núcleo expositivo também intitulado de *Xangô Pernambucano*, que constitui a exposição *Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo* e, desde 2017, integra as exposições de longa duração do Museu. As comunidades praticantes de religiões de matriz africana proprietárias dos objetos da coleção foram vítimas da repressão policial aos povos de terreiro que assolou Pernambuco a partir de 1937, com o advento do Estado Novo e a nomeação do interventor Agamenon Magalhães (MIRANDA, 2004). Essas políticas de repressão em larga escala aos terreiros resultaram em destruição e profanação de templos, prisões de pessoas praticantes das religiões afro-brasileiras e apreensões de objetos sagrados (ALVES, 2018). Esses objetos ficaram apreendidos na Secretaria de Segurança Pública e posteriormente foram entregues ao Museu, entre o fim da década de 1930 e o início da década de 1940 (LINS, 2019).

A historiadora Gertrudes Gomes Lins, em sua dissertação de mestrado intitulada *A Coleção Xangô: A Cultura Material Afro-Brasileira no Museu do Estado de Pernambuco* (2019), faz uma importante análise da trajetória dos objetos que compõem esta coleção. É destacado que os objetos chegaram ao MEPE em dois momentos: em 1938 foram doadas 117 peças e em 1940 foram doadas mais 130, sendo uma coleção composta por objetos sagrados de culto, cartas, documentos, orações e é atualmente uma das maiores coleções do MEPE em número de objetos. Parte desses objetos apreendidos também foram enviados para São Paulo através da *Caravana Cultural*, liderada pelo escritor Mário de Andrade (ALVES, 2018). O Brasil vivia nesse período um movimento liderado por intelectuais que buscavam reflexões sobre a história e a identidade nacional e esses objetos apreendidos e depois doados aos museus eram uma espécie de cultura material que fundamentava de alguma forma essas concepções. Na dissertação, Gertrudes

Lins faz uma investigação sobre esses objetos, analisando a história e a trajetória dos objetos museológicos que compõem a coleção, discutindo desde sua apreensão, até a doação, catalogação, conservação, utilização e restauração.

Já Manoel Francisco da Silva Neto, no seu trabalho de conclusão do curso em Museologia intitulado *Os Tambores Silenciados: estudo sobre objetos da Coleção Xangô do Museu do Estado de Pernambuco* (2019), também desenvolve um estudo sobre os objetos da coleção, desta vez focando especificamente nos instrumentos musicais de percussão membranofônicos, conhecidos pelos povos de terreiro como *Ilús*. Neto traz uma discussão sobre o papel e importância desses instrumentos para os povos de terreiro, a partir do ponto de vista da Antropologia, fazendo um profundo estudo sobre os *Ilús*. Questionamentos e inquietações são levantadas pelo autor, como o fato desses instrumentos que, quando tocados pelos povos de terreiro, possuem extrema importância cultural e religiosa, mas ao serem apresentados no núcleo expositivo, acabam sendo “silenciados” definitivamente de seu toque sagrado e de sua “função”.

Juliana Mesquita Zikan França, em sua dissertação de mestrado *A atmosfera senhorial no Museu do Estado de Pernambuco: um ensaio sobre a exposição de longa duração Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo* (2019), nos traz um estudo mais amplo sobre o Museu do Estado de Pernambuco e suas exposições de longa duração. Em um de seus capítulos, a autora aborda especificamente o núcleo *Xangô Pernambucano*. Sua pesquisa descreve e analisa a forma como os objetos estão dispostos no núcleo, apresentando uma análise crítica da expografia orientada pelas premissas e metodologias do campo da Museologia.

Pode-se destacar que os trabalhos brevemente apresentados acima, debatem direta ou indiretamente a coleção *Xangô Pernambucano*, trazendo discussões a partir das perspectivas da Antropologia e da Museologia. No trabalho de Gertrudes Gomes Lins, que é do campo da História, é possível notar que a autora dá mais destaque à discussão sobre a origem e a trajetória dos objetos museológicos. Principalmente por se tratar de uma exposição de longa duração de um dos principais museus históricos de Pernambuco, percebemos a falta de trabalhos que construam uma abordagem a partir da perspectiva da História com o objetivo de debater a narrativa e a memória reproduzidas por este espaço

expositivo. Nesse sentido, este artigo busca elaborar uma análise que parta do olhar do historiador para, junto à expografia e ao texto curatorial, debater qual a narrativa o espaço expositivo está reproduzindo e legitimando.

## 2. Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo

O núcleo expositivo *Xangô Pernambucano* compõe um dos núcleos da exposição *Pernambuco: Território e Patrimônio do Povo* que, desde 2017, é uma das exposições permanentes do Museu do Estado de Pernambuco. Essa exposição, com curadoria assinada pelos antropólogos Raul Lody<sup>2</sup> e Renato Athias<sup>3</sup>, traz em seu texto curatorial que a exposição tem como objetivo apresentar e debater a história e a identidade da população pernambucana, destacando as influências históricas e culturais das populações indígenas, dos europeus e dos afro-brasileiros neste processo de formação. Os núcleos da exposição são divididos exatamente desta maneira: núcleo dos povos originários (*Coleção Carlos Estevão de Oliveira*); o núcleo dos povos europeus que colonizaram Pernambuco (portugueses e holandeses); o núcleo da população afro-brasileira (núcleo esse que será debatido neste artigo); e o que os curadores chamam de núcleo da cultura popular, onde exatamente se daria a materialização da influência desses povos no processo de formação da história e identidade de Pernambuco.

A composição da sala do núcleo *Xangô Pernambucano* é feita a partir de objetos sagrados dos povos de terreiro, dentre eles tambores, ex-votos e representações de *Exú, Xangô, Oxóssi, Iemanjá, Orixalá-Oxalufã, Oxum e Ogum*. Em uma dessas vitrines também são apresentadas imagens de Santos da Igreja Católica e é mencionado o “sincretismo religioso” entre as religiões afro-brasileiras e o catolicismo (Imagem 1). No centro da sala encontram-se expostos alguns tambores (*Ilús*) que eram usados nos ritos sagrados dos povos de terreiros, junto com a reprodução de uma fotografia recente fazendo alusão às pessoas que tocavam estes tambores (Imagem 2). A vitrine com ex-votos, produzidos pelos povos de terreiro, também faz referência ao sincretismo religioso, a partir da

---

<sup>2</sup> Raul Lody é antropólogo e museólogo, integra o Instituto Histórico Geográfico de Pernambuco e é curador do Museu da Gastronomia Baiana, da Fundação Gilberto Freyre, da Fundação Pierre Verger, e do Instituto Dragão do Mar.

<sup>3</sup> Renato Athias é Doutor em Etnologia e Professor do Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE.



reprodução de uma imagem católica no teto fazendo alusão a influência do catolicismo nas religiões afro-brasileiras (Imagem 3). No núcleo, também há a reprodução de uma fotografia dos objetos apreendidos pela Polícia no contexto da repressão desencadeada a partir de 1937, junto a um aparelho de televisão que exibe vídeo de seis minutos e quinze segundos do Babalorixá Manoel Papai falando brevemente sobre esta repressão (Imagem 4). A exposição apresenta os objetos com uma breve identificação em etiquetas, sem conter discussões aprofundadas sobre os contextos e as histórias desses objetos. O núcleo da exposição será analisado a partir das contribuições de Francisco José L. Ramos (sobre a História dos objetos) e Myrian Sepúlveda dos Santos (sobre a função dos museus históricos na sociedade e como esses espaços são legitimados como produtores de memória).

### **3. Xangô Pernambucano: Expografia, narrativa e memória**

Sendo o penúltimo núcleo da exposição *Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo*, “*Xangô Pernambucano*” pretende destacar a influência da história e da cultura das populações afro-descendentes na formação da cultura pernambucana. A sala possui quatro vitrines onde estão expostos a maioria dos objetos (peças que representam orixás cultuados em Pernambuco, instrumentos musicais, ex-votos e algumas imagens de santos católicos). Em suas paredes são expostas duas placas com nomes terreiros que sofreram a repressão e um breve texto sobre o “salvamento” que o Museu do Estado de Pernambuco fez dos objetos apreendidos pela Polícia do Estado Novo entre 1937 e 1938. Além dos tambores expostos no centro, o espaço traz as reproduções de algumas fotografias relacionadas a prática do Candomblé e uma fotografia oriunda das apreensões.

O texto curatorial de uma exposição é responsável por delinear toda a discussão que estará presente no espaço expositivo. Os antropólogos Renato Athias e Raul Lody assinam o texto curatorial da exposição *Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo* propondo apresentar a história de Pernambuco e destacar as influências históricas e culturais das populações que habitaram Pernambuco (povos originários, europeus e afro-brasileiros) na formação da identidade pernambucana. Tanto o texto curatorial quanto a expografia do núcleo *Xangô*

*Pernambucano*, apontam para influência da cultura afro-brasileira neste processo de construção da história, cultura e identidade pernambucana:

A mostra é uma verdadeira viagem no tempo, que apresenta a História de Pernambuco, desde os primórdios, passando pela arqueologia, os povos tradicionais, a vinda dos europeus em busca do pau-brasil, o ciclo do açúcar e a cultura-afro, finalizando com o Patrimônio Cultural de todas as influências étnico-culturais. (ATHIAS; LODY, 2017, p 194).<sup>4</sup>

A expografia do núcleo evidencia que essa influência ressaltada pelo texto curatorial acontece principalmente a partir da música e de aspectos da religiosidade, destacando os instrumentos e ritmos afro-brasileiros e o “sincretismo religioso” entre as religiões de matriz africana e a Igreja Católica. Podemos perceber isso bem claramente ao observar a vitrine que contém a figura de Nossa Senhora da Conceição e Cosme e Damião com a legenda *Santos da Igreja Católica relacionados com Orixás* (Imagem 1). Outro elemento desse “sincretismo” é acentuado no núcleo, com a vitrine dos ex-votos, que aponta para uma influência do Barroco Católico nas práticas das religiões afro-brasileiras. Os tambores ao centro da sala e os instrumentos musicais a base de ferro trazem esse destaque para uma influência da cultura afro-brasileira na formação da identidade pernambucana, identidade esta que tem estes instrumentos e seus ritmos como características marcantes. Essa ideia apresentada pelo núcleo expositivo faz referência às teses propostas por Gilberto Freyre que apresenta a “mestiçagem” e o “sincretismo” como característica central da formação da identidade nacional (REIS, 2008). Percebe-se que o núcleo expositivo dá destaque aos elementos culturais de matrizes africanas que passaram pelo processo de “sincretismo” com elementos portugueses, e dessa forma concretiza sua importância na formação da identidade. Muitos aspectos da história e da cultura afro-brasileiras não são abordados pela exposição, que tem sua narrativa orientada a destacar a importância dos aspectos culturais das populações afro-brasileiras na formação da identidade nacional. Embora as teses freyreanas sejam tratadas de maneira crítica pelos espaços de debate acadêmico há algum tempo, nota-se que ela ainda é reproduzida pela curadoria que elaborou a exposição, curadores estes que são profissionais da Antropologia de importantes instituições de Pernambuco.

---

<sup>4</sup> Livro lançado pelo Museu do Estado de Pernambuco catalogando as exposições do museu entre 2007 e 2017.

No livro *A Danação do Objeto: O Museu e o Ensino de História* (2004), Francisco Régis Lopes Ramos faz uma análise sobre os objetos dentro dos museus e sua relação com a produção de conhecimento, propondo ideias de como abordar esses objetos para uma melhor interação entre os museus e o ensino de História. Em um dos capítulos, intitulado de *História dos Objetos*, o autor argumenta que os objetos expostos nos Museus possuem histórias e dinâmicas próprias, e propõe o estudo da “História dos Objetos” para analisá-los:

Defende-se, portanto, uma "História dos objetos" que pressupõem o estudo da "História nos objetos": o objeto é tratado como indício de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu ou na sala de aula. Assim, qualquer objeto deve ser tratado como fonte de reflexão, desde o tronco de prender escravos em exposição no Museu do Ceará até o copo descartável que faz parte do nosso cotidiano (RAMOS, 2004, p. 22).

A partir dessa proposta, ao analisar a expografia do núcleo, é percebido que não se consegue chegar a uma discussão sobre a “história dos objetos” ali expostos no núcleo *Xangô Pernambucano*. Toda a historicidade desses artefatos, que perpassa da origem e da fabricação desses objetos pelos povos de terreiro, seus contextos de culto e de utilização, sua representação perante esses povos, não são debatidas pela expografia, nem pelos textos ou pelo vídeo. Embora pode-se apontar que o núcleo da exposição traz um breve relato sobre a repressão que esses povos sofreram do Estado no início do século XX, a partir do vídeo do Babalorixá Manoel Papai e da reprodução de uma fotografia dos objetos apreendidos, não é proposta nenhuma discussão sobre a historicidade desses objetos, seus usos, suas funções rituais e especificidades diante da cultura afro-descendente. E mesmo assim, não se pode resumir toda historicidade que esses objetos possuem, ao acontecimento da repressão sofrida pelos terreiros na década de 1930. A história dessas populações, antes e depois da repressão, não é abordada em nenhum momento. A narrativa da exposição dita a discussão do núcleo, que tem objetivo claro de reproduzir o discurso elaborado por Gilberto Freyre de que aqueles objetos, e as populações que utilizavam aqueles objetos, tiveram alguma influência na formação da história e da identidade de Pernambuco.

Em um outro capítulo, chamado *Jogo das Vitrines*, o autor aponta que as vitrines dos museus muitas vezes transformam o objeto exposto em artefato de

“consumo visual” (RAMOS, 2004, p. 71), quando na verdade a função do que ele chama de “museu educativo” seria de aproximar o objeto dos visitantes para promover o que ele chama de “pensamento livre” (RAMOS, 2004, p. 77). O núcleo expositivo *Xangô Pernambucano* conta com quatro grandes conjuntos de vitrines expondo objetos de Orixás, ex-votos produzidos pelos povos de terreiro e objetos da Igreja Católica. As quatro grandes vitrines do espaço expositivo não contém textos mais aprofundados debatendo o contexto em que aqueles objetos eram utilizados, ou sobre a origem desses objetos, são encontradas apenas etiquetas que os nomeiam. Somente em uma vitrine (dos ex-votos) é encontrado um brevíssimo texto que identifica que são ex-votos, e novamente, aponta para uma influência das produções africanas na cultura pernambucana:

A mão africana também construiu o que se entende por arte sacra barroca. realizou entalhes sobre a madeira, douramentos, pinturas, altares, santos e muitos tipos de ornamentos que celebram a estética católica.

Os ex-votos de madeira que retratam os “milagres”, mostram a recuperação estética das máscaras africanas. São sentimentos de fé e de memória ancestral que se misturam na arte do entalhe sobre madeira.<sup>5</sup>

Constata-se que não há discussões sobre a historicidade dos objetos em si, ou aproximação dos objetos com o visitante, há somente a possibilidade de consumir visualmente os objetos ali expostos. Os objetos, distanciados dos visitantes pelas vitrines e esvaziados de sua historicidade, servem somente como composição de uma narrativa estabelecida, estando presentes ali para ilustrar de alguma forma o que a narrativa da exposição busca reproduzir.

Outro texto presente na sala fala sobre o “salvamento” que o Museu afirma ter feito dos objetos, sem trazer à discussão o contexto da repressão que ocasionou na apreensão dos objetos. É citada a repressão no texto, embora não seja discutida os aspectos dessa repressão e a situação dos povos de terreiro nesse contexto:

A cultura material do Xangô Pernambucano traz um vasto conjunto de formas, cores e materiais que se encontram com a matriz africana e com as interpretações da imaginária católica.

A partir do salvamento de um precioso conjunto de objetos do Xangô Pernambucano, à época da repressão policial às manifestações de

---

<sup>5</sup> Texto presente na exposição.

matriz africana pelo Estado Novo, a Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, em 1938, entrega ao Museu do Estado de Pernambuco um conjunto de 307 objetos.

Com esse salvamento, o Museu do Estado de Pernambuco organiza uma Coleção que testemunha as formas do sagrado conforme as tradições regionais nos conteúdos da resistência histórica, social e cultural dos afro-pernambucanos.<sup>6</sup>

Em uma das principais vitrines do núcleo estão expostos objetos relacionados exclusivamente à figura de *Xangô* (o machado, o pilão, a gamela e a coroa), onde não encontram-se textos, mas sim as etiquetas de identificação. O mesmo acontece com a vitrine dos ex-votos, a vitrine com os objetos de *Exú*, *Oxum*, *Ogum*, *Óxossi* e *Iemanjá*, a vitrine dos instrumentos musicais de *Xangô* e a vitrine dos objetos de santos católicos ao lado de objetos de terreiros. Não há nenhuma discussão sobre qual o contexto e história desses objetos, não há aproximação entre os objetos e os visitantes, encontra-se somente etiquetas de identificação. Em que contexto os objetos eram cultuados? A que terreiro pertenceu aqueles objetos? O que representam os Orixás para essas populações? Não conseguimos chegar a respostas dessas perguntas ao analisar a expografia e o discurso da exposição e seu texto curatorial. Portanto, é reproduzida uma narrativa e uma memória que procura destacar a influência da cultura das populações de terreiro na cultura pernambucana. Pode-se perceber aqui que a historicidade dos objetos foi parcialmente esvaziada pela narrativa da exposição, que encaixa todos os objetos presentes nas vitrines num ambiente onde os visitantes possam somente contemplar das peças expostas, compondo um cenário proposto pela narrativa da exposição.

Ainda sobre esse contexto da desidratação da historicidade do objeto para encaixá-lo na narrativa da exposição, Myrian Sepúlveda dos Santos em sua obra *A Escrita do Passado em Museus Históricos* (2006), traz uma importante contribuição ao debate. Ela apresenta o conceito de “museu-narrativa”, que segundo a autora, toma forma quando o discurso da exposição acaba por subordinar a historicidade dos objetos do museu ao discurso historiográfico da exposição (SANTOS, 2006, p. 22). Ou seja, os objetos ali presentes têm boa parte de sua história e complexidade deixadas de lado, para serem submetidos ao discurso elaborado pela curadoria.

---

<sup>6</sup> Texto presente na exposição.

Podemos afirmar que o núcleo *Xangô Pernambucano* pode se encaixar nesse conceito de *museu-narrativa*, pois uma parte considerável da historicidade dos objetos é esvaziada para encaixar no discurso proposto pelos curadores. Mesmo tendo objetos sagrados de cultos dos povos de terreiro, não encontra-se discussões sobre aspectos das religiões dos povos de terreiro, ou a história desses povos, mas sim a reprodução de uma narrativa de memória que busca destacar a influência dos povos de terreiro na cultura de Pernambuco e relacioná-la com o *sincretismo religioso* entre as religiões afro-brasileiras e o catolicismo. Ainda na mesma obra, Myrian Sepúlveda dos Santos traz outra importante contribuição ao afirmar que os museus históricos, dado seu lugar de legitimação perante a sociedade, são espaços de produção e reprodução de memória e narrativa:

(...) museus históricos, ou seja, lugares que, além de preservação, guarda estudo e divulgação do acervo, têm como objetivo, nos dois casos levantados, apresentar ao público a história da nação (SANTOS, 2006, p. 20).

Segundo a autora, a sociedade geralmente tem uma visão pacificada que os museus históricos são espaços produtores de conhecimento e que as memórias e narrativas históricas produzidas nesse espaço acabam possuindo uma validação perante a sociedade. Logo, a narrativa reproduzida pelos museus históricos costumam ser aceitas por boa parte do público enquanto legítimo discurso oficial (SANTOS, 2006). Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1994), em *Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico*, também vai nessa mesma direção, apontando que o espaço expositivo do museu histórico tem notável impacto pedagógico no público, já que possui uma matriz sensorial, o que facilitaria o processo de compreensão dos aspectos apresentados pela exposição pelo público (MENESES, 1994).

O Museu do Estado de Pernambuco é um dos principais museus históricos do Estado, tem mais de 90 anos de existência e goza de total legitimidade no imaginário da sociedade pernambucana. Muitos grupos escolares, universitários, turistas e visitantes espontâneos visitam diariamente o Museu e são apresentados a narrativa da exposição. Em um trabalho recente de dissertação de Mestrado, Juliana Mesquita Zikan França (2019) aponta para a quantidade de público escolar

que o MEPE recebeu no ano de 2019, ano esse que completava-se 2 anos da exposição *Pernambuco Território e Patrimônio do Povo*:

O público escolar compreendido entre o ensino fundamental e médio, aparece como maior percentual de público do Museu. Os estudantes das escolas da rede pública de ensino da região metropolitana do Recife, chegam ao número de aproximadamente 80% dos visitantes do Museu. Já os grupos de estudantes da educação superior, aparecem em menor número nas visitas realizadas no Museu (FRANÇA, 2019, p. 44).

A partir desses dados nota-se que boa parte dos visitantes do Museu são de escolas que fazem visitas ao espaço expositivo como parte de sua formação escolar e são, desta forma, apresentados a narrativa reproduzida pelo núcleo. Logo, a narrativa apresentada pela exposição terá legitimidade perante os estudantes e visitantes. Ao acessar a exposição, os visitantes saem com a ausência do debate proposto por Ramos (2004) sobre a “história dos objetos” expostos. Não são encontradas discussões sobre a história dos povos que as produziram, o contexto ritualístico em que elas eram utilizadas, e a dinâmica de representação que as peças possuem. A partir dos elementos nas vitrines e dos tambores expostos no centro da sala, o público tem contato com a narrativa freyreana da exposição que tem a intenção de destacar o “sincretismo” e a influência dos povos de terreiro de Pernambuco na formação da história e identidade do Estado. A expografia acentua que essa influência acontece principalmente por meio da música e da religião, através dos instrumentos musicais e do “sincretismo religioso” entre as divindades das religiões afro-brasileiras e os santos católicos. Através do relato concedido pelo Babalorixá Manoel Papai (apresentado no vídeo) e da reprodução expandida de uma fotografia dos objetos apreendidos, é possível o visitante ter contato com o fato de que houve uma série de perseguições e uma política de repressão aos povos de terreiro perpetrada pelo Estado a partir do início do século XX. Contudo, essa discussão não é aprofundada, nem é abordada a história dessas populações após as repressões. Todo conjunto do núcleo foca em apresentar as imagens que representam os Orixás e expor os tambores que eram usados nos cultos e rituais, para se encaixar na narrativa da exposição. Até quando vai abordar os ex-votos, a curadoria ressalta que a prática de produzir ex-votos pelos povos de terreiro, é também resultado de uma interação da cultura católica com a cultura dos povos Afro-brasileiros.

#### 4. Considerações Finais

Em um dos capítulos do livro *As Identidades do Brasil vol 1*, José Carlos Reis (2008) traça uma investigação sobre a obra de Gilberto Freyre na década de 1930, fazendo uma análise sobre o famoso livro *Casa Grande & Senzala*. Reis aponta para o fato de que essa obra busca de alguma forma elaborar uma leitura da história colonial para ajudar a formular a identidade brasileira, especificamente desse Brasil do Nordeste. É apontado que, nesta obra, Gilberto Freyre faz uma imaginação do passado colonial para construir uma espécie de resolução das contradições raciais no Brasil e, desta forma, edifica uma narrativa que fala de uma identidade onde supostamente os conflitos e as desigualdades raciais no Brasil estivessem harmonizados e resolvidos (REIS, 2008). Mesmo sinalizando que Gilberto Freyre se apresenta como uma oposição às teses eugenistas que afirmavam um “defeito” original do Brasil pela presença negra, o autor destaca que Freyre não enxerga de maneira crítica o sistema escravista e, de alguma forma, busca justificá-lo como se fosse a única alternativa para execução do projeto colonial dos portugueses. Logo nota-se que Gilberto Freyre procura construir uma narrativa onde é valorizada a influência dos afro-brasileiros na história e na formação da identidade brasileira, embora ele legitime e justifique de alguma forma o sistema escravista e o papel subalterno que esse sistema reservou para o negro. Valoriza-se os aspectos culturais dos afro-brasileiros na culinária, nos instrumentos musicais e no que ele chama de “alegria exuberante e vivacidade” (FREYRE, 2001).

A narrativa e a memória reproduzidas pelo núcleo expositivo *Xangô Pernambucano* segue esta mesma linha de pensamento apresentada por Gilberto Freyre, que busca destacar uma importante influência dos afro-brasileiros na história e na formação da identidade pernambucana. De forma que o núcleo expositivo não busca questionar o lugar de subalternidade que os afro-brasileiros foram postos na história. A ênfase na importância dos instrumentos musicais e nos aspectos religiosos na cultura e identidade brasileira, não procura questionar o lugar de subordinação que estes sofreram na história. Não são apresentadas críticas à estrutura que buscou criminalizar as religiões afro-brasileiras. O núcleo expositivo reproduz a narrativa freyreana que aponta para a influência dos aspectos culturais afro-brasileiros na história e na formação da identidade, contribuindo para a



construção de uma memória que trata essas populações como uma espécie de apêndice de uma história, sem realmente problematizar o lugar marginalizado em que os afro-brasileiros foram postos historicamente.

Desta forma, os visitantes do museu são apresentados a narrativa e a memória reproduzida por este núcleo, que segundo Myrian Sepúlveda (2008) são tratadas como discurso oficial dada a legitimação social que este importante museu histórico possui perante a sociedade. Ao trazer a discussão da história dos povos afro-brasileiros na formação da história e da identidade de Pernambuco, este núcleo expositivo reproduz uma narrativa em que não são realmente problematizadas as violências históricas sofridas pelos afro-brasileiros em Pernambuco. A narrativa reproduzida pelo núcleo busca somente evidenciar a importância da influência dos aspectos culturais dessas populações na história e na formação da identidade. Diferente da proposta de Francisco Régis L. Ramos (2004), a historicidade dos objetos expostos não é debatida no núcleo expositivo. Esses objetos, apresentados em vitrines para consumo visual dos visitantes, são encaixados na narrativa da exposição.

O “sincretismo religioso” entre os santos da igreja católica e as divindades afro-brasileiras é apresentado pelo núcleo expositivo sem nenhuma discussão sobre como este processo se desenvolveu historicamente em Pernambuco. Já os instrumentos musicais são expostos sem o debate de sua representação para as populações afro-brasileiras. Ambos são esvaziados de seus conteúdos e sua historicidade para serem apresentados como a representação material da influência afro-brasileira na identidade pernambucana, reproduzindo a memória e a narrativa inaugurada por Gilberto Freyre que, mesmo quase cem anos depois da publicação de *Casa Grande & Senzala*, permanece fabricando o imaginário racial e identitário pernambucano.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Marileide. **Povo Xambá resiste: 80 anos da repressão aos terreiros em Pernambuco**. Recife: CEPE, 2018.

ATHIAS, R.; LODY, R. **Pernambuco: território e Patrimônio de um Povo**. 2017, Recife (texto curatorial).

CAMPOS, Z. D. P. **O Combate ao Catimbó: práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta**. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFPE. Recife, 2001.

CHAGAS, Mário. Museu, museologia e pensamento social brasileiro. **Cadernos do CEOM**, no 18, n. 21/ *Museus: pesquisa, acervo, comunicação*, 2005.

FRANÇA, Juliana Mesquita Zikan. **A “atmosfera senhorial” no Museu do Estado de Pernambuco: um ensaio sobre a exposição de longa duração Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro : Record, 2001.

GOMES, Amanda Barlavento. **A Trajetória de Vida do Barão de Beberibe, um Traficante de Escravos no Império do Brasil (1820 – 1855)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História), Recife, 2016.

LINS, Gertrudes Gomes. **A coleção xangô : a cultura material afro-religiosa no Museu do Estado de Pernambuco**. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História. Mestrado em História, 2019.

MELLO, Ulysses Pernambucano de. [Neto]. O Museu do Estado de Pernambuco. In: MEPE, **O Museu do Estado de Pernambuco**, São Paulo: Banco Safra, 2003.

MENESES, U. T. B. de. (1994). Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico . **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, 2(1), 9-42.

MEPE. **Museu do Estado de Pernambuco**: uma década para lembrar 2007-2017, Recife, 2017.

MIRANDA, H. S. **Vigilância e Repressão em Pernambuco**: a Interventoria de Agamenon Magalhães e as “medidas de profilaxia moral e social” contra os afrodescendentes. ANPUH-Memória e História, 2004.

SANTOS, M. S. dos **A escrita do passado em museus históricos**. [s.l.] Garamond, 2006.

SILVA NETO, Manoel Francisco da. **Os tambores silenciados**: estudo sobre os objetos da coleção xangô do museu do estado de pernambuco. 2019. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Departamento de Antropologia e Museologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

RAMOS, F. R. L. **A Doação do Objeto**: o Museu no Ensino de História. Chapecó:, Argos Editora da Unochapecó, 2004.

REIS, J. C. **As Identidades do Brasil 1**: de Varnhagem a FHC. vol 1. [s.l.] Rio de Janeiro: FGV, 2008.

## ANEXO - Lista de Imagens



Imagem 1 - O MEPE representa o "sincretismo" religioso  
Fonte: Luiz Felipe de Santana, arquivo pessoal.



Imagem 2 - Objetos rituais da coleção *Xangô Pernambucano*  
Fonte: Luiz Felipe de Santana, arquivo pessoal.





Imagem 3 - Ex-votos dos povos de terreiro e imagem católica evidenciando o "sincretismo" religioso  
Fonte: Luiz Felipe de Santana, arquivo pessoal.



Imagem 4 - Fotografia dos objetos apreendidos pela secretaria de Segurança Pública de Pernambuco e vídeo do Babalorixá Manoel Papai discutindo a repressão.  
Fonte: Luiz Felipe de Santana, arquivo pessoal.